

Teorizações indisciplinadas: (i)mobilidade como metáfora, conceito e método

Entrevista com Mimi Sheller

Realizada por Patricia de Santana Pinho^a e Bianca Freire-Medeiros^b

Traduzida por Natália Otto^c e Eduardo Gutierrez^d

Mimi Sheller é diretora e fundadora do Center for Mobilities Research and Policy (mCenter) e professora de sociologia na Universidade de Drexel, na Filadélfia. Ela é graduada em História e Literatura pela Universidade de Harvard e possui mestrado e doutorado em Sociologia e Estudos Históricos pela New School for Social Research. Sheller é autora de vários livros sobre mobilidades, incluindo *Consuming the Caribbean* (ROUTLEDGE, 2003), *Citizenship from Below* (Duke University Press, 2012) e *Aluminum Dreams: Lightness, Speed and Modernity* (MIT Press, 2014). Ela co-editou, junto com John Urry, os livros *Mobile Technologies of the City* (ROUTLEDGE, 2006) e *Tourism Mobilities* (Routledge, 2004) e uma edição especial da revista *Environment and Planning A* sobre o tema “Materia- lidades e Mobilidades”.

Através das suas publicações e da sua participação na fundação de centros de estudos como o mCenter e do CeMoRe (Centre for Mobilities Research), que ela co-fundou com John Urry na Universidade de Lancaster, Sheller contribuiu de maneira muito importante para disseminar e consolidar o Paradigma das Novas Mobilidades. Ela é, ainda, fundadora e co-editora da revista *Mobilities* e editora associada da revista *Transfers: Interdisciplinary Journal of Mobility Studies*.

Esta entrevista foi realizada por e-mails trocados ao longo do mês de outubro de 2016. Sheller analisa, aqui, temas caros aos estudos do turismo e das mobilidades de um modo geral, tais como a interconexão e a interdependência entre os tipos distintos de deslocamentos humanos e a necessidade de se trabalhar para além do confinamento das fronteiras disciplinares.

a Professora no Departamento de Estudos Latino-Americanos e Latinos na Universidade da Califórnia, Santa Cruz.

b Professora do Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo.

c Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo.

d Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo.

Revista Plural *Você faz parte de um departamento de Sociologia, mas ao longo da sua carreira você usou uma abordagem muito transdisciplinar para abordar diferentes tópicos: desde as ligações entre colonialismo e turismo no Caribe, até a cultura material da modernidade, ilustrada pelo alumínio. Em que medida o seu trabalho é tributário da chamada tradição sociológica, e como você lida metodologicamente com objetos que exigem abordagens tão distintas?*

Mimi Sheller Eu sempre fui uma pesquisadora muito interdisciplinar, mesmo no início do ensino médio, quando tive a oportunidade de cursar uma disciplina maravilhosa chamada História Latina – em que tive um professor de Latim e um de História antiga – que culminou em uma viagem memorável à Itália, onde visitei as grandes ruínas e museus de Roma, Florença, Pompeia, etc. Isso me inspirou a cursar um programa especial de graduação em Harvard que unia história e literatura, dentro do qual eu também me especializei em duas áreas: França e América. Então, nunca estudei sociologia durante a graduação; em vez disso, eu lia teóricos pós-estruturalistas franceses, bem como escritores anglo-americanos, absorvendo suas diferentes abordagens à escrita e à argumentação. Então, finalmente na pós-graduação, eu escolhi um programa chamado Estudos Históricos na New School for Social Research, que combinei com Sociologia, buscando estudar a grande tradição da sociologia histórica e comparada do Charles Tilly e de outros. Essa é a principal tradição sociológica com a qual eu me identifico, embora eu também seja influenciada pela sociologia da cultura e pela sociologia política, mas nunca me senti confortável na Associação Americana de Sociologia e, em vez disso, geralmente vou ao congresso da Associação Americana de Geógrafos, onde eu encontro muito mais intersecções com o meu trabalho.

Então, acho que sempre estive fadada a não me encaixar em apenas uma área! Eu tendo a acreditar que as coisas mais interessantes estão acontecendo nas fronteiras das disciplinas, onde elas se encontram com questões que se expandem em novas formas de pesquisa, oriundas de outros lugares. Além disso, o campo de Estudos Caribenhos, que sempre me inspirou, também une inúmeras disciplinas diferentes, mas todas focadas em um conjunto partilhado de questões sobre temas de interesse de pessoas que vivem ou que são originárias dessa região. Isso me levou também a ler muito sobre antropologia e a me interessar por literatura e arte caribenha. Então essa abordagem indisciplinada guiou meus interesses em direção a problemas amplos que se estendem por períodos históricos e lugares e que demandam metodologias variadas. Minha inclinação inicial era primeiramente em direção à pesquisa arquivística, incluindo tanto textos como imagens visuais; mas cada vez mais, como socióloga, eu também tinha que formular perguntas sobre o

munho contemporâneo, e isso me levou a usar outros métodos, como entrevistas, oficinas participativas e observação participante. Parte do que eu amo no campo de pesquisa sobre mobilidades é que ele me fornece um contexto significativo no qual eu posso fazer todas essas coisas.

Revista Plural *Você começou sua carreira acadêmica como especialista na região caribenha do século XIX, e hoje em dia você também é reconhecida mundialmente por suas contribuições ao Paradigma das Novas Mobilidades. Desde que publicou *Consuming the Caribbean*¹, em 2003, o que você vê como sendo as maiores mudanças e continuidades dentro dessa discussão, especialmente no que diz respeito: a) à sua própria perspectiva teórica; b) aos padrões globais de consumo; e c) às formas transnacionais de solidariedade (quer por meio do consumo ou não)?*

Mimi Sheller Quando publiquei *Consuming the Caribbean* em 2003, ele foi, na verdade, meu segundo livro, depois de eu ter publicado minha tese de doutorado sob o título *Democracy After Slavery*² (2000). Então aquela obra foi, em realidade, um projeto de pós-doutorado, uma oportunidade para eu ter muita liberdade e poder desenvolver uma abordagem abrangente, um pouco menos rígida da que um Doutorado exige. Assim, enquanto meu primeiro livro poderia se encaixar mais estritamente em uma “sociologia histórica e comparada”, nessa obra [*Consuming the Caribbean*] eu pude começar a desenvolver uma abordagem mais solta sobre “mobilidades” pela primeira vez. Tentei localizar o consumo da natureza, paisagens, mercadorias, comida, corpos e trabalho como parte de um sistema transatlântico de circulação através de um longo período de tempo. Foi dentro de tal projeto e através dele que, de certo modo, eu entrei em diálogo com o trabalho do John Urry em Lancaster, e nós começamos a desenvolver juntos os argumentos para o que se tornou “o paradigma das novas mobilidades”. Mas foi o meu trabalho sobre o Caribe e a *longue durée* de 500 anos que sempre guiaram minha insistência teórica nos problemas do poder, da desigualdade e da imobilidade como as condições chave para a construção histórica das mobilidades contemporâneas.

A maior mudança de como eu escrevi *Consuming the Caribbean*, comparado a como eu o escreveria hoje, é que eu daria muito mais ênfase atualmente à agência

1 SHELLER, Mimi. *Consuming the Caribbean: From Arawaks to Zombies*. Londres e Nova Iorque: Routledge, 2003.

2 SHELLER, Mimi. *Democracy After Slavery: Black Publics and Peasant Radicalism in Haiti and Jamaica*. Oxford e Londres: McMillan, 2000.

caribenha. Uma das críticas ao livro é que ele focaliza principalmente como o norte “consume” o Caribe, o que limita o papel de atores caribenhos (embora o livro também tenha abordado processos culturais como a “criolização” e a colonização reversa). Então, quando escrevi meu terceiro livro, *Citizenship from Below*³ (2012), eu destaquei muito mais os caribenhos como agentes e até incluí o capítulo “Returning the Tourist Gaze”, que pode até ser considerado uma espécie de pós-escrito de *Consuming the Caribbean*.

Em relação aos padrões globais, se eu tivesse mais tempo, gostaria de escrever uma nova edição de *Consuming the Caribbean* que teria capítulos sobre *offshoring*⁴, em todas as formas que o John Urry descreveu em seu livro: o *offshoring* do trabalho, da taxação, do prazer, da energia, do lixo e da segurança. Todas elas são relevantes no Caribe hoje em dia. Na verdade, ele sempre me encorajou a escrever esse livro, mas acabou escrevendo primeiro! Acredito que aquele livro termina com uma nota importante sobre formas transnacionais de solidariedade que podem ser alcançadas por meio de uma luta contra a prática de *offshoring*, que ironicamente se dá por meio de uma prática de *onshoring* do controle político de todas essas atividades de volta às sociedades nacionais. Mas eu questiono se esse controle estatal poderia ser alcançado algum dia em Estados que são pequenas ilhas, e se não continua a existir ainda uma necessidade de modelos transnacionais de política democrática mais fortes.

Revista Plural Depois de cofundar o CeMoRe (Centre for Mobilities Research), na Universidade de Lancaster, com o John Urry, você se mudou de volta para os Estados Unidos e criou o Center for Mobilities Research & Policy (mCenter) na Universidade de Drexel. Pensando sobre a importância do lugar para a produção do conhecimento, quão diferente (ou semelhante) foi produzir academicamente sobre turismo estando nos Estados Unidos, em comparação a trabalhar no Reino Unido? Como a localização afetou as formas como o seu trabalho “viaja entre mundos”?

Mimi Sheller Nos Estados Unidos, eu me deparei com um ambiente acadêmico muito diferente do que existe no Reino Unido, e em alguns aspectos meu trabalho sobre mobilidades não viajou facilmente. O campo de pesquisa em mobilidades se estabeleceu muito mais na Europa, Austrália, Nova Zelândia, Canadá, e cada vez mais na Ásia e na América Latina, enquanto que, nos Estados Uni-

3 SHELLER, Mimi. *Citizenship from Below: Erotic Agency and Caribbean Freedom*. Durham: Duke University Press, 2012.

4 Ver: Urry, John. *Offshoring*. London: Polity, 2014.

dos, eu ainda me encontro constantemente tendo que explicar “do zero” o que eu estudo. Outras partes do mundo parecem partilhar certas tradições teóricas que são reconhecíveis através das fronteiras, ao passo que os Estados Unidos são muito ligados a uma ciência social positivista que eu considero muito restrita em escopo e em métodos. Lancaster sempre teve um departamento de sociologia incrivelmente interdisciplinar e sempre recebeu todos os tipos de visitantes de todas as regiões do mundo.

Nos Estados Unidos, a sociologia ainda está tentando se provar como uma disciplina “séria” e tende a resguardar seu território, acabando por parecer menos aberta a perspectivas externas e ao trabalho interdisciplinar. Em parte, isso se dá por pressões relacionadas ao financiamento, pelo qual as ciências sociais estadunidenses precisam competir com as ciências naturais, buscando financiamento da *National Science Foundation*, que demanda hipóteses testáveis, resultados replicáveis e trabalho empírico fortemente baseado em evidências. Também há uma grande ênfase, nos Estados Unidos, em pesquisas com aplicação prática, com resultados significativos de um ponto de vista pragmático, que possam ser justificados perante os financiadores. Isso torna mais difícil a aquisição de financiamento para trabalhos teóricos, críticos e exploratórios.

Por outro lado, essa pressão estadunidense por pragmatismo me tirou da minha zona de conforto e me colocou em colaborações com engenheiros, por exemplo, ou com projetos financiados por corporações. Engenheiros falam uma linguagem muito diferente, e pode ser difícil “traduzir” a ciência social para eles. Mas eu aproveitei essa oportunidade também para estudar como eles viajam, e para compreender os modos como as abordagens críticas dos estudos do turismo podem também ser aplicadas a projetos acadêmicos, como aqueles que foram financiados para ir ao Haiti após o terremoto de 2010. Então, transformei minha própria viagem de pesquisa em uma oportunidade para fazer uma observação participante autorreflexiva.

Revista Plural *Desde a morte repentina de John Urry no início deste ano, todos estamos nos perguntando sobre o futuro – um tópico do qual ele falava de modo brilhante – do PNM (Paradigma das Novas Mobilidades). O que você diria para aqueles que, como os leitores da Revista Plural, estão lutando para consolidar esse paradigma nos ambientes acadêmicos do Sul Global?*

Mimi Sheller Desde a perda de John, eu tenho sentido uma certa responsabilidade em manter vivo o paradigma das novas mobilidades. Na verdade, havíamos acabado de escrever um texto sobre seu impacto na última década, que foi publi-

cado na primeira edição da nova revista *Applied Mobilities*, e no qual nós reafirmamos a importância desse paradigma para o futuro. Acredito que o paradigma das novas mobilidades terá uma relevância crescente no futuro, em parte porque estamos diante de tantas crises relacionadas à mobilidade (mudanças climáticas, transporte automotor, energia, migração, refugiados, *offshoring*, lixo, urbanismo planetário, etc.).

Ao mesmo tempo, acredito que o paradigma das novas mobilidades está começando a causar impacto na sociologia como disciplina, então, nesse sentido, ele ainda está se infiltrando, digamos assim. A obra de John tem sido amplamente celebrada e comemorada após sua morte. De minha parte, editei uma seleção de seus artigos na revista *Theory, Culture and Society*; escrevi sobre teorias das mobilidades para a *International Sociology Association*; tenho um novo artigo a ser publicado na *Current Sociology*, que comecei a escrever com o John, sobre a relação entre a virada da mobilidade e a anterior virada espacial; e há alguns livros editados que serão publicados por influência dele.

No que diz respeito ao lugar desse paradigma no Sul Global, acho que há fortes redes de acadêmicos que precisam se manter em contato, mesmo sem ter o John, que foi um maravilhoso agregador de pessoas. Esse ano, sediaremos a conferência da *International Association for the History of Transport, Traffic and Mobility* (T²M, da qual sou presidente) na Cidade do México pela primeira vez, em parte para conseguir incluir mais intelectuais latino-americanos. Estou ciente dos muitos pesquisadores no Brasil, no Chile, na Colômbia e no México que se interessam pelo paradigma das novas mobilidades. Teremos a próxima conferência da T²M na Universidade de Lancaster, em 2017, para fortalecer nossos laços com o CeMoRe e com o *Institute for the Future*, e para continuar construindo as redes globais que John fundou.

Também estou vendo um interesse crescente no NMP em lugares como Cingapura, Hong Kong e China, bem como na Austrália e na Nova Zelândia, então eu espero que esse campo continue com seu crescimento global. Eu certamente pretendo continuar recebendo visitantes internacionais no *Center for Mobilities Research & Policy*, em Drexel. Pesquisadores das mobilidades também têm estabelecido diálogos com acadêmicos dos estudos das migrações, dos transportes, do planejamento urbano, de campos como arquitetura e design, e mesmo das artes criativas, áreas que convidam a novas formas de colaborações internacionais acerca de questões do futuro que são especialmente pertinentes ao Sul Global. Assim, vejo muitas oportunidades para uma maior extensão e adesão do PNM em novos locais, de novas formas.

Revista Plural *Por que é importante estudar o turismo internacional hoje, quando viagens internacionais cada vez mais tomam a forma de migrações forçadas, causadas pela fome, por guerras, por crises de refugiados e por desastres ambientais?*

Mimi Sheller Acredito que é importante estudar o turismo hoje em relação a outros tipos de viagens, inclusive as migrações forçadas e as remoções, porque há relações sutis entre todos os tipos de mobilidades humanas. O turismo é uma indústria enorme que mantém rotas de transporte, como as rotas aéreas; o desenvolvimento hoteleiro em áreas importantes, inclusive nas costas; a construção de portos para a indústria dos cruzeiros, etc. Ademais, o turismo ainda é um setor crucial de muitas economias ao redor do mundo. Assim, ele tem um papel geopolítico importante que está relacionado a questões de soberania nacional, territorialidade e segurança. O turismo é construído sobre legados militares, sobre históricos coloniais e sobre novas formas de “securitização” que já forçaram a remoção de pessoas no passado e continuam a fazê-lo hoje em dia. Em um sentido muito literal, vemos essa justaposição no Mediterrâneo hoje, onde “ilhas turísticas” se tornaram locais de chegada de refugiados.

Então, eu vejo os estudos do turismo e os estudos das migrações como um campo de estudos, e não como dois campos separados. Os dois estão intimamente relacionados a históricos de colonialismo, militarismo e neoliberalismo. Um ótimo exemplo é o livro *Securing Paradise*⁵, de Vernadette Vicuña Gonzalez, sobre militarismo e turismo no Havaí e nas Filipinas. Parcialmente inspirada por essa obra, estou trabalhando em um novo livro chamado *Island Futures: Mobility Justice and Caribbean Survival*, que incluirá um capítulo sobre a relação entre ocupações militares e turismo, reconstituindo os conflitos entre a demarcação de áreas para teste de armas e o desenvolvimento do turismo sustentável em ilhas como Vieques, em Porto Rico, e outras nas Marianas do Norte.

Revista Plural *O que mais você consideraria importante ressaltar para estudantes e pesquisadores do turismo e das mobilidades no Brasil?*

Mimi Sheller Acho que é crucial entender o turismo como uma parte de um conjunto maior de regimes de mobilidade construído sobre mobilidades desiguais e sobre a governança de diferentes mobilidades. E o turismo, juntamente com outras mobilidades, como o transporte cotidiano, a migração, a logística e o movi-

5 GONZALEZ, Vernadette Vicuña. *Securing Paradise: Tourism and Militarism in Hawai'i and the Philippines*. Durham: Duke University Press, 2013.

mento de bens, são todos parte da produção social do espaço e do local. Locais são feitos por mobilidades, e como John Urry e eu argumentamos em *Tourism Mobilities*⁶, os locais são, eles mesmos, móveis e estão sempre em interação, o que significa dizer que há um tipo de complexidade dinâmica na emergência de locais particulares, e isso está relacionado à estruturação do espaço-tempo no movimento e através dele. Para fazer uma analogia com as teorias da física, poderíamos dizer que o turismo aparece tanto como partícula (encontrado em lugares distintos, em casos particulares), quanto como onda (percorrendo regiões do mundo de formas similares simultaneamente); e há uma espécie de entrelaçamento quântico no qual a mesma coisa acontece, de uma vez só, em lugares múltiplos, e o que acontece em um local pode afetar um lugar do outro lado do mundo.

A teoria das mobilidades é uma forma importante de pensar não apenas sobre as mobilidades no contexto do turismo, mas também sobre a relação do turismo com outras formas de mobilidade e de estabilidade. Então, acredito que ela nos ajuda a romper com antigas formas de pensamento que estão presas por presunções e abordagens da nossa disciplina, levando-nos a enxergar, pela primeira vez, novas conexões, padrões e complexidades. Ela nos possibilita uma espécie de análise fractal que permite interligar diversas escalas, as quais vão desde uma análise interacionista sobre o comportamento dos “anfitriões” e dos “hóspedes” dentro de um *resort*, passando pelo significado do turismo em discursos nacionais, chegando até a relação entre turismo, geopolítica e urbanismo planetário.

Algumas das questões mais urgentes para os estudos do turismo e das mobilidades, acredito, tratam da relação entre viagens e mudanças climáticas, uso de recursos e regimes globais de circulação de água, energia e alimento. Na medida em que o planeta se torna mais quente, e a emissão de carbono chega a 400 partes por milhão pela primeira vez em 2016, como vamos compartilhar os recursos cada vez mais escassos do planeta, do qual todos dependemos para sobreviver? O turismo continuará consumindo recursos como água potável e energia em locais onde a população pode não ter acesso a eles? Pode o turismo se tornar uma maneira de aprender sobre outros lugares, estimulando o desenvolvimento sustentável em uma escala global? Podemos vislumbrar novas maneiras de viajar que nos ajudem a construir um mundo melhor?

6 SHELLER, Mimi & URRY, John. *Tourism Mobilities: Places to Play, Places in Play*. Londres e Nova Iorque: Routledge, 2004.